

**DOCUMENTO:**

**ANTIPOFF, Helena. Trabalho: Ensaio Psicológico com Algumas Contribuições Experimentais por Helena Antipoff. Caixa H1 – 1C Pasta 4 Documento 1. Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff – CDPHA – Biblioteca Central da Universidade Federal de Minas Gerais.**

**Pesquisadora: Heulalia Charalo Rafante**  
**Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Roseli Esquerdo Lopes**  
**Universidade Federal de São Carlos**

Nossa pesquisa no mestrado investigou as práticas pedagógicas da Fazenda do Rosário, instituição criada em 1940, pela educadora russa Helena Antipoff, para receber, em regime de internato, meninos “excepcionais” de Belo Horizonte, buscando verificar como essas ações repercutiram na vida dos meninos internos. Constatamos que o trabalho constituiu-se em fio condutor das atividades que envolviam os internos, o que tornou imprescindível verificarmos a visão que Helena Antipoff tinha do conceito trabalho. No Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff, situado na Biblioteca Central da Universidade Federal de Minas Gerais, localizamos um ensaio, escrito pela educadora, discutindo esse conceito a partir de uma perspectiva psicológica. Esse documento, que **transcrevemos** a seguir, trouxe uma contribuição importante à nossa dissertação, defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos, sob o título “Helena Antipoff e o Ensino na Capital Mineira: a Fazenda do Rosário e a Educação pelo Trabalho dos Meninos “Excepcionais” de 1940 a 1948.

**O trabalho: Ensaio Psicológico com Algumas Contribuições Experimentais por Helena Antipoff**

A Daniel, meu filho.

Trabalho, atividade tão universal, ponto de convergência de tantos problemas de ordem técnico, econômico, político, social, moral, que um estudo psicológico do assunto faz-se necessário. Trabalho refere-se ao homem, às suas tendências e aptidões, logo é a sua psicologia. O trabalho parece ser atividade natural do homem, dizia FLANKIN que o homem é feito para o trabalho como o pássaro é feito para voar. No conjunto de atividades humanas, o trabalho se nos apresenta como o passa tempo essencial, absoluto; sendo as outras (repouso, divertimento) passa tempos relativos, sucedendo a ele em qualidade de descanso e de distração, depois de um estado energético de concentração.

Se o trabalho é essencial na vida do homem, não é tão universal como se pode pensar. Pierre Janet atribuiu-lhe um valor psicológico muito elevado colocando-o entre as tendências energéticas que ocupam o cume da hierarquia das tendências observadas: “o trabalho é um gênero de atividades mais difícil e mais raro que se imagina. Não existe no animal, nem no homem primitivo, apesar das aparências. Os criminologistas mostram como o trabalho desaparece nos criminosos e nas prostitutas. Sabemos que o trabalho altera-se numa multidão de nevrosas profissionais, que ele é ausente na alienação”.

O trabalho não existe na criança jovem e faz seu aparecimento bastante tarde. Exige do indivíduo um certo desenvolvimento e é por isso que não o acharemos no idiota.

Qual sua definição? Sua função na economia da vida? Que papel desempenha na vida mental?

❖ Enciclopédia Universal Européia-Americana:

“Trabalho é a aplicação das forças intelectuais e físicas do homem aos projetos externos para comunicar-lhes utilidades e valor, a fim que eles possam servir a satisfação das nossas necessidades”.

❖ Ch. Grand Cours d’Economie Politique p.146

“Todo ser deve fazer esforços perseverantes para satisfazer sua necessidade. Esse esforço, inconsciente na planta, instintivo no animal, torna-se no homem um ato refletido e toma o nome de trabalho”.

Tomando o trabalho como forma de atividade posta ao serviço de nossas necessidades, quais são as necessidades que ele deve satisfazer? Consultemos a classificação das necessidades de BEAUNIS e DUMAS e procuramos aí aqueles que se referem ao assunto. Apresentam os autores franceses as seguintes séries.

Necessidades de aquisição: ar, alimentos, água;

Evacuação: (defecção e micção) despesas: atividades físicas e mentais;

Reparação: (repouso, sono); estimulação (emoção, tóxico)

Sexual e maternal

Reduzidas a esse quadro, as necessidades representam os estímulos já bastante numerosos às atividades humanas. Todos procuram a sua satisfação pelos processos mais variados começando pelos mecanismos elementares que são os nossos reflexos, continuando pelas manifestações instintivas mais globais e menos estereotipadas, enfim pelos processos cada vez mais complexos; obedecendo essa diferenciação ao grau de dificuldade e que apresenta o obstáculo a vencer e à intensidade do apetite e das capacidades individuais.

As necessidades se satisfazem sem que o homem esteja especialmente avisado ou então toda a sua consciência acha-se solicitada e é com o máximo de esforço que poderá ele satisfazê-lo, procurando os meios próprios.

Chamaremos trabalho o ato de respirar, de engolir o bolo alimentar, de estender o braço para colher o fruto maduro, de abrigar debaixo da folhagem densa o nosso corpo ameaçado pela chuva de pedras ou de esconder-nos na lapa ao perceber a fera? Todos são atos úteis, ligados à satisfação de necessidades importantes para a vida. Entretanto, tomados isoladamente, não merecem a qualificação do trabalho: são atos reflexos, condutas instintivas, podendo ser observados no homem e no animal.

“O trabalho não é a simples resposta do organismo às excitações do momento, nem tão pouco do indivíduo às solicitações do instinto. Seu objeto fica freqüentemente estranho às nossas necessidades, pelo menos imediatas e consiste em cumprimento de tarefas que não se harmonizam necessariamente com o jogo espontâneo das funções físicas e mentais”. (Wallon. *Príncipes de Psychologie Appliquée* p. II)

Nessa definição negativa notamos a diferença do trabalho dos atos reflexos e instintivos, mas falta ainda um elemento importante para caracterizá-lo.

“Todo trabalho implica a subordinação do trabalhador a um fim afastado, sentido como necessidade, por conseqüência implica também a renúncia à liberdade e aos prazeres do momento presente em vista das vantagens ulteriores”, descreve Henri de Man no seu “Prazer de trabalhar” (tradução espanhola, p. 165). A mesma idéia encontramos na obra de Claparède, quando compara trabalho e o jogo. Enquanto no jogo espontâneo, a satisfação da necessidade se faz imediatamente; no trabalho a realização é “a prazo”. Na maioria das

vezes para se chegar a um determinado fim, num trabalho, é preciso realizar atividade que não representa nenhum interesse em si mesmo. “A realização do desejo está subordinada às exigências da realidade objetiva, exigências que implicam em espera, um encadeamento de tentativas, freqüentemente penosas por elas mesmas e que um fim claramente percebido guia e controla” (Os. D L’Enf. P. 500).

Nem mesmo o critério da pena, nem do esforço, nem da liberdade, nem do valor econômico não são considerados suficientes para distinguir o jogo do trabalho, que do ponto de vista funcional, o nosso autor não espera tão nitidamente um do outro, mas indica mais uma diferença de caráter técnico quanto ao prazo em que num e noutro caso o indivíduo coloca a realização das suas necessidade ou dos seus desejos.

Aliás, o jogo como o trabalho, possuem formas mais ou menos complexas e perfeitas; excessivamente diferentes são os dois nas suas manifestações extremas, mas bem mais semelhantes se apresentam nos seus aspectos intermediários.

Passando em revista as diferentes formas lúdicas, como as diferentes formas de trabalho, Claparède mostra verdadeiras sutilidades na passagem de um gênero a outro.

O esquema de Claparède começa pelas modalidades mais simples do jogo espontâneo para chegar, por transição quase imperceptíveis, aos modos mais laboriosos de trabalho.

1) – O ramo esquerdo do esquema representa a atividade lúdica. Ela levanta-se de baixo para cima como atividade, ela mesma começa com uma função toda animal para desenvolvimento, enfim, num “Elan” criador do artista. No início, achamos assim o jogo primitivo da criança nova e de animal novo. O jogo é inteiramente espontâneo, nenhum fim consciente dirige. É o exercício das funções fisiológicas ou psíquicas. É a realização imediata das necessidades de um organismo em crescimento. O fim é em si mesmo; a atividade é auto-télica.

2) – Imediatamente depois encontramos o jogo orientado por um fim. Mas esse fim é fictício, nenhum interesse em si esse fim encerra. Esse pseudo-fim interessa ao indivíduo porque serve a estimular a atividade, a única que importa. Exemplo desse jogo achamos no brinquedo de esconder-se, cozinhar pastéis na areia. O objeto não possui a mínima importância em si, pois o objeto, na realidade, não está perdido, como os pastéis nunca serão comidos. O que importa, entretanto, é o ato de esconder ou de buscar e o ato de amassar a terra, etc.

3) – No degrau seguinte encontramos uma atividade intermediária entre o jogo e o trabalho, é a ocupação. O fim importa pouco ou nada, principalmente no início. Um exemplo fornece o colecionamento que é uma ocupação já bem séria. A criança começa a colher qualquer coisa que encontrar, depois vai pouco a pouco selecionar o objeto de sua coleção que irá classificando segundo um ou outro critério. Não são os objetos que interessam, é o processo de colecionamento. Desenhar, ler histórias ou contos, muitas vezes não oferecem à criança outro interesse que o próprio processo de ler e desenhar, nos quais pode permanecer longos intervalos de tempo e guardando maior seriedade e concentração de espírito.

4) – Um pouco acima coloca Claparède a atividade orientada por um fim, mas de caráter lúdico. A atividade já está regulamentada e se opera dentro de certos quadros obrigatórios, mas não é senão um divertimento, um passa-tempo livremente escolhido. Exemplo: um espetáculo de amadores. A atividade em si não tem nada de lúdico, mas é o fim que o é.

5) – No alto da haste encontramos, enfim, o jogo superior, onde a atividade livremente escolhida é tão agradável quanto o fim. É a atividade espontânea do artista,

impulsionada pela necessidade de criar novas expressões próprias. É a atividade do sábio, estimulado pela necessidade do saber, de descobrir a verdade, desinteressadamente.

6) – Essa forma de jogo encontra-se ligada à seguinte, mas cuja haste do esquema vão inclinar-se. Enquanto o jogo levanta vôo para o paraíso, o trabalho nos inclina simbolicamente para a terra, para as contingências desse mundo. “O trabalho superior é tão atraente quanto o jogo superior, mas o centro da gravidade se desloca e é o fim e não a atividade que importa em primeiro lugar. O trabalho do artista ou do sábio orientado por um certo fim servirão de exemplo ai como o trabalho de um reformador social, de um educador, de um sacerdote sincero.

7) – Curvando-se um pouco mais, a atividade se assinala por um trabalho de móveis internos. A atividade em si tem o menor interesse, mas é o produto imediato dessa atividade que é o resultado desejado. “Os meios de agir são dinamogenizados pela atração dos resultados”. Os exemplos desse gênero de trabalho são numerosos. É o cultivador que trabalha para si e para sua família, é o caçador que fica o dia todo na floresta sem ter amor pela floresta para trazer alimentos. Cada esforço faz um passo na obtenção do resultado que é o motivo mesmo do trabalho.

8) – Aparece depois o trabalho de móveis externos: caso dos mais freqüentes dos trabalhos humanos. É o trabalho profissional por meio do qual o homem pode subvenir as suas despesas, com a qual ele pode garantir sua vida, sua velhice. A atividade não tem outro interesse senão de permitir “ganhar a vida”. Funcionários públicos, de bancos, de estradas de ferros, operários de fábricas – trabalham unicamente para o fim que lhes importa. É verdade que muitos fazem seu trabalho com certo gosto, muitos acham ainda algum interesse e prazer no próprio processo de trabalho. A Rússia introduz sabiamente nessas tarefas elementos de emulação entre os operários da fábrica, premiando os mais rápidos e perfeitos, criando espírito de corpo, tão estimulante para o trabalho por mais enfadonho que ele fosse em si.

9) – Mas a haste se inclina mais ainda e então é a “corveia”, trabalho sem atração nenhuma, desagradável e nojento, impulsionado por móveis externos que nenhum prazer vem iluminar e que se faz como um dever. Nos quartéis, os soldados são sujeitos a esse gênero de labor obrigatório.

10) – Enfim chega o inferno: o trabalho forçado, onde nada pode escusar, nem alegrar a alma. Trabalho muitas vezes estúpido, penoso, inútil como certos trabalhos de penitenciários inventados pelos guardas sádicos, como carregar pedra de um lugar para outro. Trabalhos penosos, sem esperança, sem finalidade, contra a natureza humana, contra as suas necessidades, sua saúde, sua conservação. É claro que os recursos espirituais do homem, na luta contra o natural, são infinitos e não vimos bastante caso em que o condenado executa as mais imundas tarefas com sorriso nos lábios e feliz porque imagina que o pior desse mundo serve a realçar no outro e sob a pena mais inútil transforma-se num crente, em obra de maior significação, porque serve de altíssimo fim: a salvação da alma.

Bem, finalmente, nota De Man a diferença entre castigo e o sacrifício: “o pensamento simbólico interpreta a renúncia à liberdade e ao prazer como um sacrifício, quando o trabalhador escolhe, ele mesmo, a sua finalidade e como um castigo quando essa finalidade está imposta a ele de fora”. Desde que o homem é capaz de descobrir a finalidade mais nobre nada pode lhe parecer indigno e nenhuma tarefa baixa.

Tendo mostrado o que há de característico no trabalho, analisamos agora o ponto de vista da carga afetiva que ele “*declenche*” no trabalhador.

Constatando que todo trabalho produtivo implica alguma pena, o economista Ch. Gide pergunta: “mas por que o trabalho é penoso?” Bem que todo o mundo o sente, não é fácil dizer por quê. Pois o trabalho não é senão uma forma de atividade humana; ora a

atividade em si não tem nada de penoso. Agir é viver. É a inação absoluta, ao contrário, que é um suplício e tão atroz quando demasiadamente prolongada, no emprisionamento celular, que ela mata o paciente ou torna-o louco”.

Donde vem essa pena? Não foi ela sugerida pelo histórico do trabalho humano? Não foi ela criada pela ideologia bíblica que deixaram à palavra trabalho sobretudo esse caráter de sofrimento?

Os costumes antigos encarnavam a felicidade numa ociosidade absoluta dos poderosos, circundados de luxo e mergulhados no gozo sensual. O oriente exalta essa forma de felicidade. A idéia foi apropriada pela lembrança do sofrimento que experimentava o homem da pena, o escravo, homem reduzido à única função: o trabalho. Ser explorado acima de suas forças, humilhado nas suas mais elementares aspirações, maltratado. O trabalho torna-se sinônimo de infeliz e o próprio trabalho sinônimo de sofrimento e da pena.

Lembramos alguns fatos relativos à escravidão. Um dos tratantes para capturar cinqüenta mulheres do Congo, tinha assolado seis aldeias e matado mil e quinhentos habitantes. As condições em que se faziam o transporte dos negros eram igualmente horríveis. “Se se teria perdido o caminho que conduz da África às cidades onde se vendiam escravos,” escrevia um explorador, “poderia se achá-lo pelos ossos dos negros de que está bordado.” Foram cinco milhões de negros mortos durante a travessia. Bastava uma xícara d’água todos os três dias para impedir o homem de morrer.

A psicologia mostra a palavra trabalho derivar do *trabs*, designando, em romano, um engenho de madeira servindo para prender cavalos. Termo que põe em evidência o constrangimento e a privação da liberdade. (apud. Payot, *Travail Intellectuel*).

Outros fazem derivar o nome do *tripaliuma*, palavra latina, significando o instrumento de tortura, a três pés. Essa palavra possui o sentido pior ainda, de tormenta, de sofrimento, pois os castigos corporais se infligiam somente às pessoas de baixa condição, aos escravos e nunca aos livres.

A Grécia dos primeiros séculos fazia do trabalhador e da prosperidade do povo, mediante o trabalho, uma alta concepção. Somente mais tarde é que ela perde o sentido moral do trabalho.

É bem provável que foi o cristianismo que contribuiu a eliminar a concepção degradante do trabalho, comunicando-lhe um valor moral cada vez mais elevado: pelo esforço do cristianismo o conceito foi elevado a uma concepção digna. (LEON XIII. *Encyclica Rerum Novarum*).

A própria ideologia bíblica, com seu “trabalhará com o suor do teu rosto” não somente lançou obrigatório o trabalho a todos os descendentes masculinos de Adão, mas dando-o em caráter de castigo pelo “delito”, pela desobediência à lei de Deus, ainda indica o meio de resgatar a dívida pagando a culpa com o trabalho que dava de novo o paraíso perdido e a felicidade.

Cristo, o símbolo vivo, um operário, um humilde carpinteiro. Vem-nos assim que a idéia de pena, miséria e sofrimento vem se enriquecendo de uma outra, estimulante, que realça e dá-lhe outra significação: a miséria física da Bíblia judaica, ao mal estar corporal, o cristianismo traz outra significação: a salvação.

Não somente o trabalho torna-se positivo, pois é com ele que resgatamos a dívida, idéia altamente hedônica (pois que prazer maior não sente o homem de libertar-se de suas dívidas como de um peso que nos esmaga) mais ainda, faz aceitar o trabalho como um ato mais dinâmico e estimulante, mais biológico, pois com essa simbologia do Cristo operário ela parece dar um sentido novo ao trabalhador, fazendo aceitar o trabalho, não somente como um meio de satisfazer as necessidades, não somente como meio de tornar-se amável



a Deus, mas apronta o trabalho, ele mesmo como bem positivo. Sertillanges, este amável escritor católico, fala uma linguagem bem moderna: “todos pagam com ele a dívida para a redenção e antes para a criação, a fim que a obra de Deus e de Cristo continue e acabe (apud. Sertillanges. *Vie catholique*, p. 94).

A atitude para com o trabalho evoluiu assim e ao sentimento de pena, outro diametralmente oposto, vem se juntando. Interessante a esse respeito o ponto de vista representado por Henri de Man, economista e sociólogo contemporâneo de relevo. No seu livro “Prazer do trabalho”, ele defende a tese que “a necessidade da alegria ao trabalho é o estado natural do homem normal”. Eis uma idéia bem nova. O autor dessa tese eufórica é conhecido no assunto. Durante seus cursos sobre a psicologia do operário industrial na Academia do Trabalho fez junto a seus alunos, todos operários de diferentes qualidades e categorias, mas todos, é verdade, representando a elite intelectual da classe operária, o inquérito sobre os sentimentos que o trabalho provoca neles. O resultado põe em evidência a bipolaridade afetiva do trabalhador para seu trabalho: “nenhum operário, descrevendo sua pena ao trabalho que não tiver assinalado ao lado dos fatores positivos, da alegria ao trabalho, por mais fracos que eles fossem; nenhum operário, qualquer que for o entusiasmo que ele revela ao proclamar a alegria, que não mencionasse igualmente os obstáculos a essa alegria, fatores da pena ao trabalho (Op. Cit., p. 122). Todo trabalhador tende a procurar a alegria ao trabalho, como toda pessoa tende à felicidade. A alegria ao trabalho não exige absolutamente a ser estimulada; a única coisa importante é que a essa alegria não seja opostos obstáculos”.

Querendo melhor penetrar esses fatos positivos no trabalho, essa necessidade de alegria, Henri de Man, decompõe o trabalho com elementos bio-psico-sociais, juntando ao quadro à análise dos obstáculos que geralmente acompanham o trabalho. Essa análise representa o resultado experimental do inquérito acima mencionado.

### **p. 13 FATORES POSITIVOS E NEGATIVOS LIGADOS AO TRABALHO:**

#### a)- Necessidade de alegria ao trabalho

##### I- Móveis instintivos elementares

- 1- Instinto de atividade
- 2- Instinto de jogo
- 3- Instinto construtivo
- 4- Instinto de curiosidade
- 5- Instinto de *self-assrtion*
- 6- Instinto de propriedade
- 7- Instinto combativo

##### II- Móveis ocasionalmente favoráveis

- 1- Instinto gregário
- 2- Necessidade de mandar e necessidade de obedecer
- 3- Satisfação estética
- 4- Considerações de ordem particular
- 5- Considerações de utilidade social

##### III- Sentimento do dever social

##### IV- Para o crente sentimento do dever moral

## b)- Obstáculos à alegria ao trabalho

## I- Obstáculo de ordem técnica

- 1- Trabalho parcelado
- 2- Trabalho repetido
  - a) repetição do mesmo movimento
  - b) restrição da iniciativa
  - c) diminuição da atenção
  - d) estado hipnótico provocado pelo ritmo

## 3- Fadiga

## 4- Má organização da técnica da oficina

## II- Obstáculo de ordem social da empresa

- 1- Descontentamento provocado pelas más condições de trabalho
- 2- Sistema de salário injusto
- 3- Hierarquia autocrática da empresa

## III- Obstáculo de ordem social estranha à empresa

- 1- Sentimento de pertencer definitivamente a uma classe inferior
- 2- Insegurança da existencial
- 3- Estimação medíocre do trabalho manual

O esquema de Henri de Man, longe de ser completo, mostra como os estímulos do trabalho são numerosos e poderosos. Sem os obstáculos, entretendo essa tendência ao trabalho, a felicidade que traria ao homem seria imensa, pois responderia às aspirações mais dinamogênicas do indivíduo.

E. Schreider, psicanalista conhecido, utiliza-se das idéias de Man, interpretando-as de forma diferente. Notando o quanto é importante a parte do trabalho na vida do homem, o autor acha bem natural essa convergência, ao redor do trabalho, das tendências mais antagônicas, todas elas freqüentemente ambivalentes no homem, podem achar no trabalho uma saída, uma válvula de segurança. Assim, a atitude hostil ao trabalho e as suas condições nefastas: estes podem apenas argumentar a atitude negativa. “As atitudes bipolares, sem ser uma necessidade imanente da vida afetiva, acompanham as grandes formas do comportamento humano, tais como trabalho em particular”. Os trabalhadores parecem felizes no seu trabalho, freqüentemente dissimulam uma dose forte de amargura, depositada pelas correntes da vida que não tem nada a ver com o trabalho.

O autor distingue, entre outros, duas categorias de trabalhadores; o industrial e o intelectual, cujo comportamento afetivo é freqüentemente oposto: “acreditamos que se o recalçamento das tendências que terminam na satisfação caracteriza o operário da indústria, a repressão dos sentimentos hostis encontra-se no intelectual”.

Essa última observação faz nos lembrar de Nietzsche: “A ciência é hoje refúgio de toda espécie de descontentamento, de incredulidade, de remorso, de desprezo de si, de má consciência” (Genealogia da Moral).

Nem a pena, nem o prazer, sozinhos, não caracterizam a atitude para com o trabalho. Pois que o trabalho é a vida mesma, pois que o homem consagra do trabalho uma parte enorme de sua existência e de suas forças, é bem natural de encontrar, ligada ao trabalho, toda a escala de atitudes afetivas que o homem produz com toda sua

personalidade complexa e geralmente, como mostram os psicanalistas, ambivalentes com todos os seus recalques, seus fracassos, êxitos e alegrias.

De modo geral, é permitido dizer que na sociedade civilizada do século XX o pólo positivo da afetividade parece predominar nos trabalhadores enfrente do trabalho. Para a grande maioria, o trabalho é desejado. Ao contrário, o “sem-trabalho” é o fantasma do homem moderno, a sua grande miséria. Não somente miséria material, demasiada rigorosa “quem não trabalha não come”, mas quantidade de fatores de ordem puramente psíquica, fazendo odiar o “sem-trabalho” mesmo quando as caixas de socorro preservam o operário e sua família da fome.

Lazarsfeld e Zeisl fizeram interessante inquérito junto aos “sem-trabalho”, numa aldeia austríaca de 1168 habitantes entre dezembro de 1931 e janeiro de 1932. Em consequência do fechamento da usina, a maior parte ficou sem ocupação, continuando esse estado de coisas por um ano. Quais foram os efeitos psicológicos deste “*chômage*”? Notam os autores um estado de apatia e resignação, mais do que de revolta. Abaixaram os interesses intelectuais; as leituras são mais raras; aumenta a irritabilidade: tornam-se freqüentes as queixas não justificáveis. As mulheres, ocupadas dos afazeres domésticos, resistem mais que os homens aos efeitos desmoralizantes do “*chômage*”.( Lazarsfeld e Zeisl *Die Arbeitslosen Von Marienthal* (Leipzig, 1933).

O trabalho organizado é o grande disciplinador da nossa vida

Depois de considerar o coeficiente afetivo no trabalho, de ter mostrado que nem pena, nem prazer não podem ser tomados como fator único, predominante num ou noutro campo, que ambos se encontram no trabalho. O princípio hedônico não é universal e a procura da alegria não age como fator dinamogênico senão nos degraus relativamente elementares da escala do desenvolvimento mental. O ser psiquicamente evoluído, com a predominância do córtex sobre a medula não coloca tão alto o prazer e substitui o *Lustprinzip*, abandonando sem pensar por outros. Ele precisa de um ponto de vista mais estável que o princípio vacilante do prazer e um objetivo mais firme que a satisfação por intermédio das sensações agradáveis (Adler).

Não diremos que será o princípio único da realidade que orientará sua conduta. O indivíduo evoluído servir-se-á dele, mas ele será menos um fim a alcançar que o meio de controlar as suas ações. O *Realitätsprinzip* nos ajudará como a bússola ver se o caminho é certo e em que sentido nós desviamos do norte, a realidade, sem que necessariamente nós nos dirijamos para o norte, este é para realidade.

Será que o trabalho deve ser tomado como fator disciplinador da nossa existência? O grande cínico Anatole France assim se exprime a respeito do trabalho: “O trabalho é bom ao homem, ele distrai a sua própria vida, desvia da vista terrível de si mesmo; impede olhar esse outro que torna a solidão horrível. É o remédio soberano à ética e à estética. O trabalho é excelente ainda porque diverte a nossa vaidade, engana a nossa impotência e comunica-nos a esperança de um acontecimento. O trabalho dá-nos a ilusão da vontade, da força, da independência (Anneau d’amelhyste).

A enorme vantagem do trabalho é que ele orienta a nossa vida, imprime-lhe o ritmo, que ele regulamenta nossa atividade de maneira que possamos agir e não agitar-nos cotidianamente – o que seria a vida da grande maioria das pessoas deixadas a elas mesmas? Sem o trabalho regulamentado quanto tempo perdido, quanta energia inutilmente gastada! Não notamos já para efeito dessa “liberdade” nos dias de feriado, nas crianças, nos funcionários. O longo tédio, a desordem, o cansaço da existência. E nós, “nervosos”, o aparecimento das enxaquecas e crises nervosas de toda espécie, logo que o ritmo da existência acha-se interrompido pela supressão do trabalho regular. E, nós, débeis moralmente, quanto a liberdade e o estado ocioso não alimentaram os vícios e não pagam



caro o tributo da perversão. O trabalho, com seus quadros de existência regulamentada, traz ao homem o benefício enorme da disciplina física e moral. Mas nesse sentido seria demais um fator harmonizante do homem, que o estímulo mais fundamental que queremos descobrir nele.

Lembramos do cínico e incorrigível que foi Anatole France: “ele faz de nós heróis, gênios, demônios, demiurgos, deuses, Deus. De fato, nunca se tem concebido Deus senão como operário”. (Esse parágrafo aparece riscado no original).

Graças ao trabalho, o homem torna-se criador e se assemelha a Deus. Se o homem foge instintivamente do trabalho, considerando-o como uma pena, também ele o procura e o homem evoluído aspira ao esforço de um modo extraordinário, aplicando tão bem às coisas como à gente, a todo este mundo externo, como ainda a si mesmo, no penetrante trabalho, exaustivo de auto formação.

Toda atividade revela o homem a si mesmo “somente o homem ativo conhece suas fraquezas e suas qualidades”. Na inatividade, na completa imobilidade corporal e mental, o homem é reduzido a nada saber de si mesmo. A atividade por mais simples ensina-lhe primeiramente que ele vive. Sentir a si mesmo e pensar dão a essa consciência da vida uma significação mais profunda ainda, o que fez Descartes com seu “*cogito, ergo sum*” levantar a dúvida sobre a existência. Conhecer-se em pormenores – é de se ver agir, em todos os meios, na expansão das múltiplas forças “as capacidades são apenas condições” (Goethe) para que elas se tornem hábitos é preciso agir.

Na infância, o jogo ao qual se entrega a criança pela força vital do instinto, não se limita apenas a estimular a sua expansão, mas oferecer-lhe num meio eficiente de conhecer a si mesmo e saber o valor de suas capacidades. O jogo livre não é senão uma forma incompleta ou mesmo inferior de atividade; influenciá-la pelas chamadas de fora, suficientemente harmonizadas com o mundo ambiente, é a realidade para garantir-lhe um direito de existência mais duradoura. O jogo parece frágil para o auto conhecimento mais parecido com agitação que com ação. Na escala de condutas, o jogo cede lugar a uma atividade mais evoluída: o trabalho livre e criador.

Somente o trabalho que livremente escolhido e seguido nos seus fins e seus meios que permite-nos ver toda riqueza das nossas aptidões e apreciar todo calibre de seu desenvolvimento.

Trabalhando é que “toma consciência de quanto cada um vale, e quanto vale a vida”. No trabalho “a gente se sente no seu lugar dentro do grande mecanismo operante sob o operante supremo” (Sertillanges, op. Cit. P. 89).

Enfim, atividade completa, originada nos movimentos transcendentais da célula cerebral e terminada pela obra tangível, produto material ou espiritual, mensurável na sua qualidade e objetivamente valorizável, é a grande recompensa do trabalhador. Então não somente a satisfação de agir, o prazer de se conhecer, mais ainda, o orgulho de ser alguém. O cínico já citado exclama: “o trabalho faz-nos heróis, gênios, demônios, demiurgos, deuses, Deus.”

Nos aproximamos de Nietzsche, que com sua “vontade de poder” deu à filosofia individual de Adler base dinâmica, segura na compreensão da personalidade humana. Colocando essa “vontade” acima do instinto de conservação pessoal, com o qual o homem muitas vezes entra em franca contradição. Adler interpretou magistralmente a quantidade de neuroses e defeitos morais, fazendo, deriva-os do sentimento de inferioridade quando a “vontade do poder” não pode se manifestar normalmente.

No ser primitivo, como no evoluído, no sadio, como no doente de uma maneira aberta ou dissimulada, a tendência a se fazer valer parece ser o grande fator da conduta, que já encontramos também entre os animais superiores.

Essa tendência, sob sua forma universal – nada mais é que a tendência ao crescimento, ao desenvolvimento, a expansão de todas as possibilidades da espécie e do indivíduo. Cada um de nós, como a mais insignificante das plantas, possui os germes do diferente tecido e o esboço de todas as futuras formas e podemos desenvolver quando as condições do ambiente são mais propícias.

O homem, além dos germes corporais é dotado de estrutura psíquica, a mais sutil e mais que qualquer outra capaz de expandir e evoluir. Uns como outros obedecem a esta *Hormé* que Monakoff, na sua introdução biológica à neurologia e psiquiatria criaram para sintetizar nela a tendência propulsiva do ser vivo com todas as suas potencialidades adquiridas pela hereditariedade.

A *hormé* que para os autores citados é a “matriz dos instintos” é a constante adaptação criadora da vida, sob todas as suas formas, a todas as condições de existência e que tem por finalidade garantir ao indivíduo o máximo de segurança, para o momento presente e para o provenir mais afastado. Nessa teoria, o instinto fundamental da vida é o crescimento à qual se reduz, em última análise, a *hormé*. O crescimento para Monakoff e Mourgue se apresenta sob aspectos diferentes:

- 1) Evolução dos órgãos
- 2) Evolução do indivíduo
- 3) Evolução das gerações futuras e da família
- 4) Evolução das individualidades superiores (nação, classe humana)
- 5) Evolução que nos conduz com o cosmo (Deus)

O homem, com sua estrutura física e espiritual, tem diante de si um grande plano e programa de desenvolvimento e de aperfeiçoamento infinito. Esse crescimento, podendo ser considerado como a necessidade vital do organismo é o grande estímulo natural para atividade humana. Desejar crescer é o que o homem talvez, o mais bem dotado entre todos os humanos – GOETHE – deseja acima de tudo: “o desejo de levantar tão alto quanto possível o cume da pirâmide de minha existência cuja base existe já enterrada no solo. Esse desejo excede todos os outros e não me deixa um minuto em repouso”.

Esse móvel do crescimento está experimentado como uma necessidade e que iguala senão supera as necessidades que no início do capítulo enumeramos.

Os dois instintos básicos: conservação pessoal e de proteção da prole exigem do homem menos esforço que este agora mencionado. Não somente conservar seu equilíbrio, mas fazer constantemente despesas maiores a fim de crescer e aperfeiçoar-se física, intelectual e moralmente exigem do homem seus maiores esforços e que somente uma atividade mais evoluída pode garantir. Essa atividade é o trabalho livre e organizado, isto é, aquele que integrado na existência pessoal, com os meios inteligentemente selecionados visa o fim conscientemente determinado, realizando um plano previamente delineado.

Trabalhar nesse sentido da palavra, não é dado a todo mundo. Exige do homem muitas qualidades, de iniciativa, de habilidade e de vontade somente encontrada nos seres intelectual e moralmente superiores. Mas se a integração perfeita do indivíduo na vida e na sociedade esta sendo também em constante evolução para formar mais superiores representa um ideal, dificilmente atingível, tender para esse ideal é a obrigação do indivíduo e dos seus educadores.

Para ser trabalhador, no sentido da palavra que para ele assinalamos, é mister começar do início, isto é, pela formação do homem para a tarefa que ele vai servir futuramente. Nessa formação do homem e do cidadão consiste a fase preparatória para o trabalho que vai ser continuada a vida toda pelo próprio indivíduo.

A partir de um período de relativa maturidade física e espiritual, depois de intensa modificação que se opera no corpo e na alma do adolescente ou mesmo acompanhando

esse processo de amadurecimento, deve-se preocupar em estudar o indivíduo, que há de mais característico, de mais pessoal, a fim de poder indicar um campo de trabalho profissional mais apropriado à estrutura e às tendências dos jovens dentro das possibilidades ambientais e atuais.